Clima, **poluição** e medicina

Em setembro de 2009, a Associação Médica Brasileira (AMB) participou de um encontro, organizado pela Associação Médica Mundial, para sugerir estratégias adaptativas que possam diminuir os impactos à saúde causados pelo aquecimento global. A reunião ocorreu em Copenhague (Dinamarca) e foi motivada pela Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, que acontece em dezembro.

O planeta já apresenta vários sinais e sintomas de doença. Febre progressiva, pelo aquecimento da Terra; dependência física de petróleo; obesidade, por consumirmos energia em excesso; dispneia pela contaminação da atmosfera por poluentes; obstrução arterial difusa, por congestionamentos intermináveis; insuficiência renal, por não conseguirmos eliminar adequadamente os nossos resíduos; diabetes, caracterizado pela incapacidade de aproveitar plenamente as fontes energéticas de que dispomos.

> *A respeitabilidade nos confere obrigação para agirmos.*

Exames mais detalhados revelariam tremores de terra ocasionais, edema pela elevação dos mares e chuvas torrenciais, alopécia por desmatamento, obstipação pelo despejo de esgoto nos rios e, por que não confessar, flatulência, eliminada de tempos em tempo, indiscreta e despudoradamente, sob a forma de tornados e tufões. Acrescenta-se a tudo confusão mental, que nos impede de avaliar adequadamente a gravidade da situação. Finalmente, temos que admitir impotência ante a esse estado de coisas.

É imperativo que os profissionais da saúde tenham uma atitude mais ativa, auxiliando a elaboração de ações voltadas à sustentabilidade, que deveriam obedecer aos seguintes parâmetros: esclarecimento aos pacientes, exemplos, parcerias, limites, ética e coragem. Os pacientes devem ser informados que medidas voltadas para a adoção de práticas com menor demanda energética promovem benefícios imediatos e significativos à saúde daqueles que as adotam. Atividades como caminhar e andar de bicicleta diminuem o risco de doenças cardiovasculares, por exemplo.

Ao reduzir o consumo de energia dentro de casa e incentivar o hábito nos locais de trabalho, os médicos exercem liderança pelo exemplo. É possível agir como parceiros da sociedade civil, propondo ações de mitigação das emissões de poluentes e adaptação ante aos impactos ambientais.

Os médicos devem promover o conceito de limites responsáveis do uso de energia, expor claramente as questões de ética ambiental e mostrar que as alterações da atmosfera afligem com maior intensidade os segmentos menos favorecidos da sociedade. Finalmente, há que se robustecer a coragem para enfrentar o futuro debate no campo das ideias e da litigância com importantes setores da economia e da política.

A respeitabilidade nos confere obrigação para agirmos. Caso não iniciemos o processo agora, poderemos, mais tarde, sermos culpados do pecado da omissão.

Foto: Osmar Bustos

José Luiz Gomes do Amaral, Presidente da AMB

Foto: Sebastian Gondin

Paulo Saldiva, Chefe do Serviço de Patologia do Instituto do Coração e coordenador do Instituto Nacional de Análise Integrada do Risco Ambiental do Conselho Nacional de Pesquisas

Esta é uma parceria AMB - SBC